

A CÁRITAS

15 – “Deus Caritas est” no contexto da Cáritas Diocesana

P. *Boa tarde. Voltamos ao vosso contacto para mais programa da responsabilidade da Caritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco.*

Elicídio Bilé, no programa anterior, fez uma abordagem ao projecto de Plano de Actividades da Cáritas Diocesana para o próximo ano. Dizia-nos da sua preocupação na dinamização deste serviço organizado da Igreja Católica que revela o Amor preferencial de Deus pelos mais pobres. Também, por diversas vezes, aqui referiu a 1.ª encíclica de Bento XVI – “DEUS CARITAS EST” – “DEUS É AMOR”, para referir a acção da Cáritas.

Assim, hoje vem falar-nos mais detalhadamente sobre esta encíclica.

Começo por lhe perguntar:

- Que consequências concretas tem esta encíclica para a Cáritas e qual foi a sua aceitação?

R. Boa tarde para todos.

Esta encíclica é para a Cáritas um desafio e uma garantia:

- É um desafio porque nos impele a uma maior eficácia e a uma maior generosidade na forma como desenvolvemos a nossa acção e na entrega àqueles que vivem na margem da sociedade;

- É uma garantia, na medida em que ajuda todos os cristãos e todas as pessoas preocupadas na promoção do ser humano e na integração dos mais necessitados através de um serviço eclesial mais organizado, como a Cáritas, entre outros.

Relativamente a esta questão que coloca, referiria ainda como nota prévia, uma citação do arcebispo Paul Josef Cordes – presidente do Conselho Pontifício “Cor Unum”. Dizia ele, na apresentação da encíclica, que a caridade cristã é muito mais do que *«mera filantropia»*, a caridade cristã *«é Deus mesmo dentro de nós o que nos empurra a aliviar a miséria»*.

Segundo este prelado, *«a actual disposição positiva e geral dos seres humanos para ajudar os necessitados, induziu os membros da Igreja à Secularização deste aspecto central da missão eclesial»*.

P. *Antes de continuar, deixe-me perguntar-lhe, para que os nossos ouvintes entendam, qual o significado dessa expressão?*

R. Dom Cordes, que preside o dicastério vaticano encarregado de incentivar e coordenar as instituições de caridade da Igreja, ao referir-se que a ajuda aos mais necessitados levou os membros da Igreja a terem uma visão secularizada deste aspecto da missão da Igreja, pretende dizer que, ainda hoje, alguns Cristãos empenhados na missão olham para a acção social como uma competência das Instituições civis e do próprio Estado, e não como uma missão que emana do próprio Evangelho, logo, uma missão específica Igreja.

Mas Dom Cordes diz mais. Diz que *«as grandes organizações eclesiais de ajuda se separam da Igreja e do seu vínculo com os bispos, identificando-se por completo com as ONG's e apresentando um programa que não se distingue, por exemplo, da Cruz Vermelha ou das Nações Unidas, contradizendo a história de dois milénios da nossa Igreja e deteriorando seriamente o anúncio do Evangelho»*.

Voltando à sua questão, o extraordinário acolhimento que teve a Encíclica de Bento XVI, deve-se em grande parte à personalidade do Papa que, enquanto Cardeal Ratzinger, tomou posições controversas sobre questões relativas à fé. Por isso a primeira palavra que dirige à Igreja e aos homens refere-se ao AMOR.

Talvez, pela primeira vez, a afirmação do *“eros”*, feita pelo Papa, foi tão fortemente sublinhada e valorizada por aqueles que estão fora da Igreja e pelos Cristãos menos atentos, deixando-os algo perplexos.

Dom Cortes diz também sobre este aspecto, recordando palavras do Papa, que *«hoje, a palavra “amor” está tão gasta, tem sido objecto de tanto abuso, que quase existe o medo de deixá-la aflorar aos lábios. E, no entanto, é uma palavra primordial. Não devemos simplesmente abandoná-la, mas devemos recuperá-la, purificá-la e devolver-lhe o seu esplendor original para que possa iluminar a nossa vida e levá-la pelo caminho recto»*.

Esta explicação reflecte-se, de algum modo, na primeira parte da encíclica, na qual o Papa fala do Amor e da sua importância vital na vida do homem, e para homem como ser comunitário, e para as suas organizações, como é sublinhado na segunda parte da mesma.

É aqui, neste ponto, que a sua pergunta encontra a resposta: existem consequências, e consequências profundas, para a acção da Cáritas, como poderemos ver mais adiante.

Bento XVI refere-se explicitamente à Cáritas como serviço organizado da Igreja para a sua acção social.

P. De acordo com o que acaba de dizer, a primeira encíclica do actual Papa, como primeira mensagem, ao centrar a dimensão social da Igreja no contexto da pastoral, tem um significado muito

importante, para a Igreja em geral e, particularmente, para Cáritas não é verdade?

R. É verdade. O Santo Padre, ao reafirmar o lugar da dimensão social e caritativa na missão da Igreja, é para a Cáritas e para todos os que nela trabalham, uma fonte de renovada motivação.

A Caridade, isto é, o amor ao próximo, radicado no amor de Deus, diz o Papa, *«é um dever, antes de mais, para cada um dos Cristãos, mas é-o também para a comunidade eclesial inteira a todos os seus níveis: da comunidade local, passando pela Igreja particular (diocese), até à Igreja universal na sua globalidade»*.

Por isso, o Santo Padre reafirma no n.º 20 da encíclica que: *«A consequência disto é que o amor também precisa de organização, enquanto pressuposto para um serviço comunitário organizado»*.

Foi assim desde o início, desde a constituição da Igreja, que se adquiriu esta consciência, como refere o livro dos Actos dos Apóstolos (Act 2,44-45): *«Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos de acordo com as necessidades de cada um»*.

P. *Quando, nos diversos programas que temos feito, refere a Cáritas como um serviço organizado da Igreja Católica, baseia-se neste princípio que vem das primeiras comunidades cristãs?*

R. Exactamente. Temos sempre afirmado que a acção da Cáritas assenta no Evangelho e está apoiada na Doutrina Social da Igreja. Isto é, a acção social da Igreja, deriva da Palavra, alimenta-se dos sacramentos e age em nome da Igreja a partir das realidades de cada tempo e de cada lugar.

O Papa diz na encíclica, no n.º 22, que *«A Igreja não pode descurar o serviço da caridade, tal como não pode negligenciar os Sacramentos nem a Palavra»* e, Bento XVI demonstra-o fazendo referência às estruturas jurídicas primitivas que tinham a ver com o serviço da caridade na Igreja a chamada *«diaconia»*.

No n.º 28 da encíclica, Bento XVI afirma que *«o amor - caritas - será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa. Não há qualquer ordenamento estatal justo que possa tornar supérfluo o serviço do amor. Quem prescinde do amor, prepara-se para se desfazer do ser humano enquanto ser humano»*. E acrescenta: *«Deste modo, podemos determinar agora mais concretamente, na vida da Igreja, a relação entre o empenho por um justo ordenamento do Estado e da sociedade, por um lado, e a actividade caritativa organizada, por outro»*.

P. *Esta questão demonstra, mais uma vez, a necessidade de organização no seio da Igreja, especificamente na Cáritas, como aqui temos referido bastantes vezes.*

À luz da encíclica como caracteriza a actividade caritativa da Igreja?

R. *Diz a encíclica de Bento XVI, no n.º 31, que «a força do Cristianismo propaga-se muito para além das fronteiras da fé cristã. É muito importante por isso que a actividade caritativa da Igreja mantenha todo o seu esplendor e não se dissolva na organização assistencial comum, tornando-se uma simples variante da mesma».*

Recordo-lhe que, como aqui temos referido por diversas vezes – a última foi na semana passada – a acção da Cáritas não se esgota na assistência

mas, vai muito para além disso, como a promoção o desenvolvimento e a transformação social. Mas a Caridade cristã é em primeiro lugar a resposta a uma necessidade imediata, como refere a parábola do Bom Samaritano: os famintos devem ser saciados, os nus vestidos, os doentes tratados, os presos visitados, etc. Aqui o papa refere claramente a Cáritas ao afirmar: *«as organizações caritativas da Igreja, a começar pela Cáritas (diocesana, nacional e internacional), devem fazer o possível para colocar à disposição os correspondentes meios e, sobretudo, homens e mulheres que assumam tais tarefas... todos os que trabalham nas instituições caritativas da Igreja devem distinguir-se por isto: não se limitam a executar habilidosamente a acção conveniente naquele momento, mas dedicam-se ao outro com as atenções sugeridas pelo coração, de modo que ele sinta a sua riqueza de humanidade».*

Mas o Santo Padre vai mais longe e não posso deixar de continuar a citá-lo: *«A actividade caritativa cristã deve ser independente de partidos e ideologias. Não é um meio para mudar o mundo, de maneira ideológica, nem está ao serviço de estratégias mundanas, mas é actualização, aqui e agora, daquele amor de que o ser humano sempre tem necessidade».*

P. *Essa afirmação de Bento XVI, leva-me a perguntar-lhe o seguinte: - Se a Cáritas é um serviço da Igreja; se caritas significa amor radicado no amor de Deus; a acção caritas visa levar Deus aos homens?*

R. Eu entendo o alcance da sua pergunta. E poderia responder simplesmente que sim, mas a resposta seria incompleta e poderia ser deturpada por quem estivesse menos atento. Por isso respondo-lhe de outra forma. A acção da Cáritas e de toda a acção social da Igreja, isto é, o

exercício da caridade, não deixa Deus de lado mas dirige-se ao homem todo.

Como diz a Papa, *«a ausência de Deus constitui, muitas vezes, a raiz mais profunda do sofrimento. Quem realiza a caridade em nome da Igreja, nunca procurará impor aos outros a fé da Igreja. Sabe que o amor na sua pureza e gratuidade, é o melhor testemunho de Deus em que acreditamos e que nos impele a amar. O cristão sabe quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor»*.

P. *Existindo, dentro da Igreja, diversos serviços e movimentos na área social, a quem cabe a acção caritativa?*

R. A encíclica, no n.º 32, responde da seguinte forma: *«cabe aos bispos, enquanto sucessores dos apóstolos, a primeira responsabilidade pela realização, mesmo actualmente, do programa indicado nos Actos dos Apóstolos (cf, 2,42-44): a Igreja, enquanto família de Deus, deve ser, hoje como ontem, um espaço de ajuda recíproca e, simultaneamente, um espaço de disponibilidade para servir até aqueles que, fora dela, precisam de ajuda»*.

E, no n.º 34 acrescenta que *«a abertura interior à dimensão católica da Igreja não poderá deixar de predispor o colaborador a sintonizar-se com as outras organizações que estão ao serviço das várias formas de necessidade»*.

P. *Não é nossa intenção esgotar o manancial de informação e de reflexão que a primeira encíclica de Bento XVI encerra mas, para terminar, pergunto-lhe: - O que sugere a encíclica para dirimir os inúmeros problemas que perturbam a nossa sociedade?*

R. Volto a responder com as palavras de Bento XVI, no n.º 36 da encíclica: *«A experiência da vastidão desmedida das necessidades pode, por um lado, fazer-nos cair na ideologia que pretende realizar, agora, aquilo que o governo do mundo por parte de Deus, pelos vistos, não consegue: a solução universal de todo o problema. Por outro lado, pode tornar-se uma tentação para a inércia, dada a impressão de que, seja como for, nunca se levaria nada a termo».*

Ora, eu penso, sem pretender ser exaustivo, que fizemos uma abordagem, ainda que superficial do essencial da primeira encíclica de Bento XVI – “*DEUS CARITAS EST*” – DEUS É AMOR.

É verdade que o fiz citando o próprio texto, mas penso que foi a melhor forma de não desvirtuar o pensamento do Papa.

Como conclusão gostaria de dizer que a Igreja enquanto organização de homens que pretendem testemunhar a mensagem de Jesus Cristo, está atenta às necessidades de todos, os que lhe pertencem pela comunhão na mesma fé, e de todos os outros homens seus semelhantes.

Na Cáritas procuramos ser resposta aos problemas e caminho que leva à descoberta de um bem maior – o valor intrínseco da pessoa humana, no contexto da criação.

A encíclica de Bento XVI, como tantas outras, de outros Papas, a que temos insistentemente aludido nestas nossas conversas, são um contributo valioso que nos anima a agir e, conseqüentemente, a iluminar todos aqueles que são atingidos com esta acção caritativa – de amor – que a Igreja proporciona.

Peço desculpa se fizemos uma comunicação mais densa e, portanto, mais cansativa, mas foi nossa intenção, acima de tudo, contribuir para a divulgação deste documento tão importante para a nossa vida comunitária, que a todos recomendo vivamente, como forma de meditação que leve a uma conversão interior.

Muito boa tarde.

P. *Terminamos mais uma intervenção a cargo de Elicídio Bilé que aqui está em nome da Cáritas da Diocesana. Agradeço-lhe especialmente a sua comunicação de hoje e despeço-me de todos até ao próximo programa.*

Portalegre, 10 de Outubro de 2007

Elicídio Bilé